

**MODERNISMO**

**EM PORTUGAL**

# Contexto Histórico

Didaticamente, o Modernismo português tem início em 1915, com o lançamento do primeiro número da *Revista Orpheu*, revista que, inspirada pelos movimentos da Vanguarda Europeia, desejava romper com o convencionalismo, com as idealizações românticas, chocando a sociedade da época.

# As divisões do Modernismo Português

## 1ª geração – o Orfismo

Fernando Pessoa,  
Mário de Sá Carneiro,  
Almada Negreiros  
e  
outros.

## 2ª geração – o Presencismo

José Régio,  
João Gaspar Simões  
e  
outros.

# 3ª geração – o Neorrealismo

Alves Redol,  
Ferreira de Castro,  
Jorge de Sena  
e  
outros.



1917

• G. P. K. •

# Orfismo

- Concentrou-se em torno de Orpheu, revista cujo primeiro número vem a público em 1915.
- Fundada sob influência das grandes correntes estéticas europeias, a publicação contou logo de início com as figuras mais importantes da época: **Fernando Pessoa**, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, etc.

Preocupada em provocar o burguês e em sacudir o acanhado meio cultural português, essa geração, nas páginas da revista, publicou uma **poesia complexa**, de difícil acesso, que causou o maior escândalo na época.

Orpheu tem curta duração – apenas mais um é número publicado – e sai fora de cena.

A sociedade portuguesa vivia uma situação de crise aguda.

Os modernistas portugueses respondem a esse momento, sacudindo o acanhado meio cultural português, entregando-se à vertigem das sensações da vida moderna, da velocidade, da técnica, das máquinas.

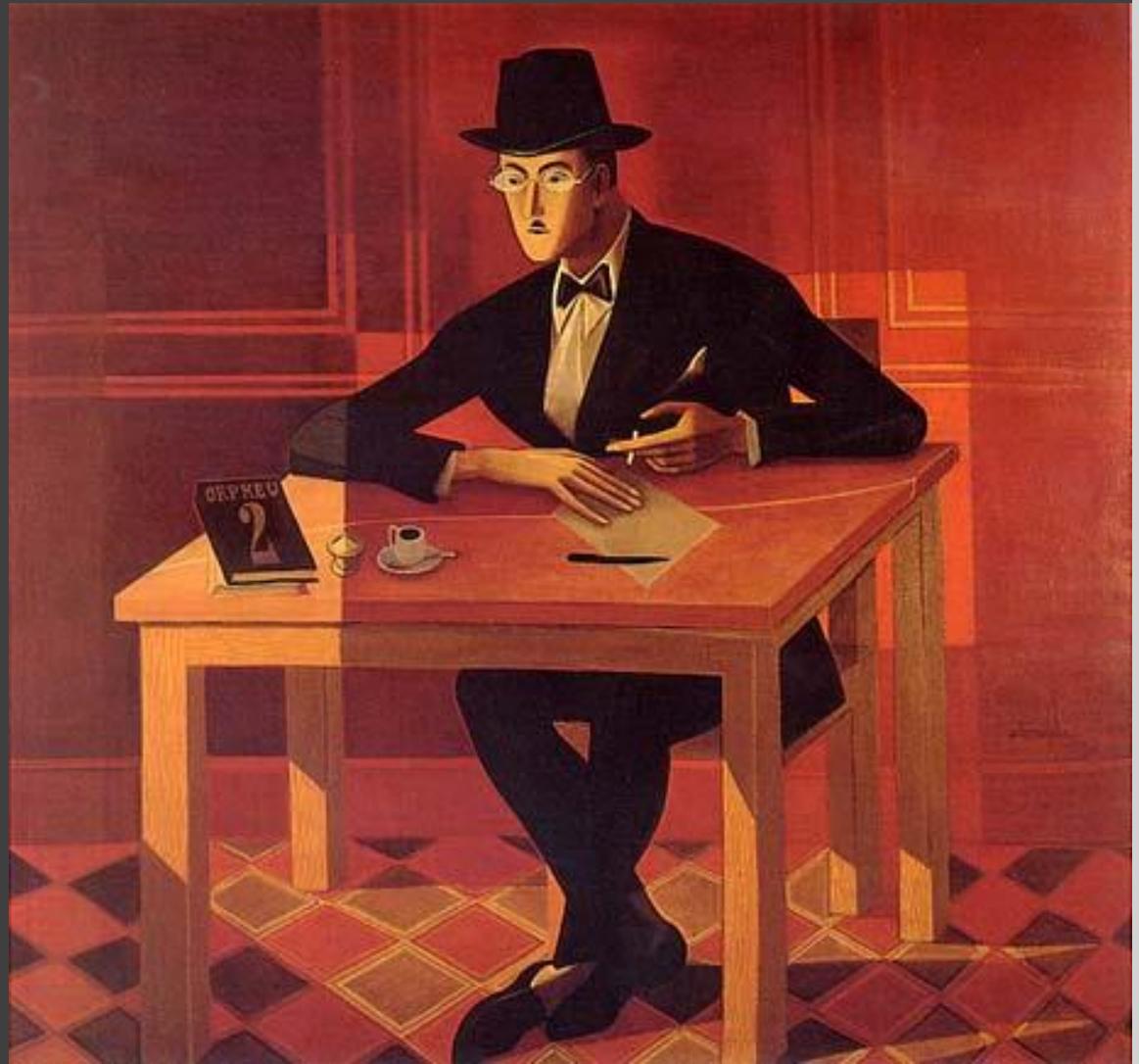
Era preciso esquecer o passado, comprometer-se com a nova realidade e interpretá-la cada um a seu modo.

# Características

- ✓ atitude irreverente em relação aos padrões estabelecidos;
- ✓ reação contra o passado, o clássico e o estático;
- ✓ temática mais particular, individual e não tanto universal e genérica;
- ✓ preferência pelo dinamismo e velocidade vitais;
- ✓ busca do imprevisível e insólito
- ✓ abstenção do sentimentalismo fácil e falso;

- ✓ comunicação direta das ideias: linguagem cotidiana;
- ✓ esforço de originalidade e autenticidade;
- ✓ interesse pela vida interior (estados de alma, espírito..)
- ✓ aparente hermetismo, expressão indireta pela sugestão e associação verbal em vez de absoluta clareza.
- ✓ valorização do prosaico e bom humor;
- ✓ liberdade forma: verso livre, ritmo livre, sem rima, sem estrofação preestabelecida.

# FERNANDO PESSOA



FERNANDO PESSOA

1888-1935



Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público e crítico musical, e de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasce em 13 de junho de 1888 na cidade de Lisboa, e sua primeira infância é marcada por acontecimentos que deixam cicatrizes para toda a vida.

Com apenas cinco anos de idade, em 1893, Pessoa perde o pai, que morre de tuberculose. A morte de Joaquim traz tantas dificuldades financeiras à família que Madalena e seus filhos são obrigados a baixar o nível de vida, passando a viver na casa de Dionísia, a avó louca do poeta.

São as duas primeiras perdas do menino: o pai, a quem era muito apegado, e a casa.

Em 1895, dois anos após a morte de Joaquim, Madalena se casa com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal na cidade de Durban, uma colônia inglesa na África do Sul, e é para lá que a família se muda no ano seguinte.

Pouco se sabe a respeito da família nesse período africano, a não ser o nascimento dos irmãos Henriqueta Madalena, Madalena (que morre aos três anos) e João, e algumas notícias sobre a escolaridade de Fernando.

Em 1903, o jovem Fernando Pessoa é admitido na Universidade do Cabo, e cursa apenas um ano; alguma coisa no poeta fala mais forte, e, nesse período, ele cria várias

**“personalidades literárias”**, ou seja, vários poetas fictícios que vão assinar as poesias que “eles próprios” escrevem.

Entre os poetas saídos da imaginação de Pessoa nessa época, destacam-se dois: Alexander Search, um adolescente, como o seu criador, que, inclusive, nasceu no dia do seu aniversário, e Charles Robert Anon, também adolescente, mas totalmente oposto ao temperamento de Fernando.

De alguma maneira, começava a se delinear aquilo que faria de Fernando Pessoa um poeta como nenhum outro no mundo: **um poeta que, sendo um, era muitos poetas.**

Em 29 de novembro, é internado no hospital com o diagnóstico de cólica hepática.

A sua última frase, escrita em inglês, é: “*I know not what tomorrow will bring*” (Eu não sei o que o amanhã trará).

Seu último pedido, em português, foi para que lhe alcançassem os óculos.

Morre no dia 30 de novembro de 1935, às 20h30, aos 47 anos, de cirrose hepática.

Deixou toda sua obra – mais de 27 mil papéis – dentro de uma grande arca, comprada pelo Estado português em 1979 e depositada na Biblioteca Nacional.

É a obra do fingidor, do polêmico, do criador de vanguardas, do ocultista, do poeta dramático, do poeta das quadras populares e do questionador em busca de ser, que foi tanto a sua criação que se perdeu de si mesmo:

*Quem sou, que assim me caminhei sem eu  
Quem são, que assim me deram aos  
bocados  
À reunião em que acordo e não sou meu?”*

## *Autopsicografia*

*O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.*

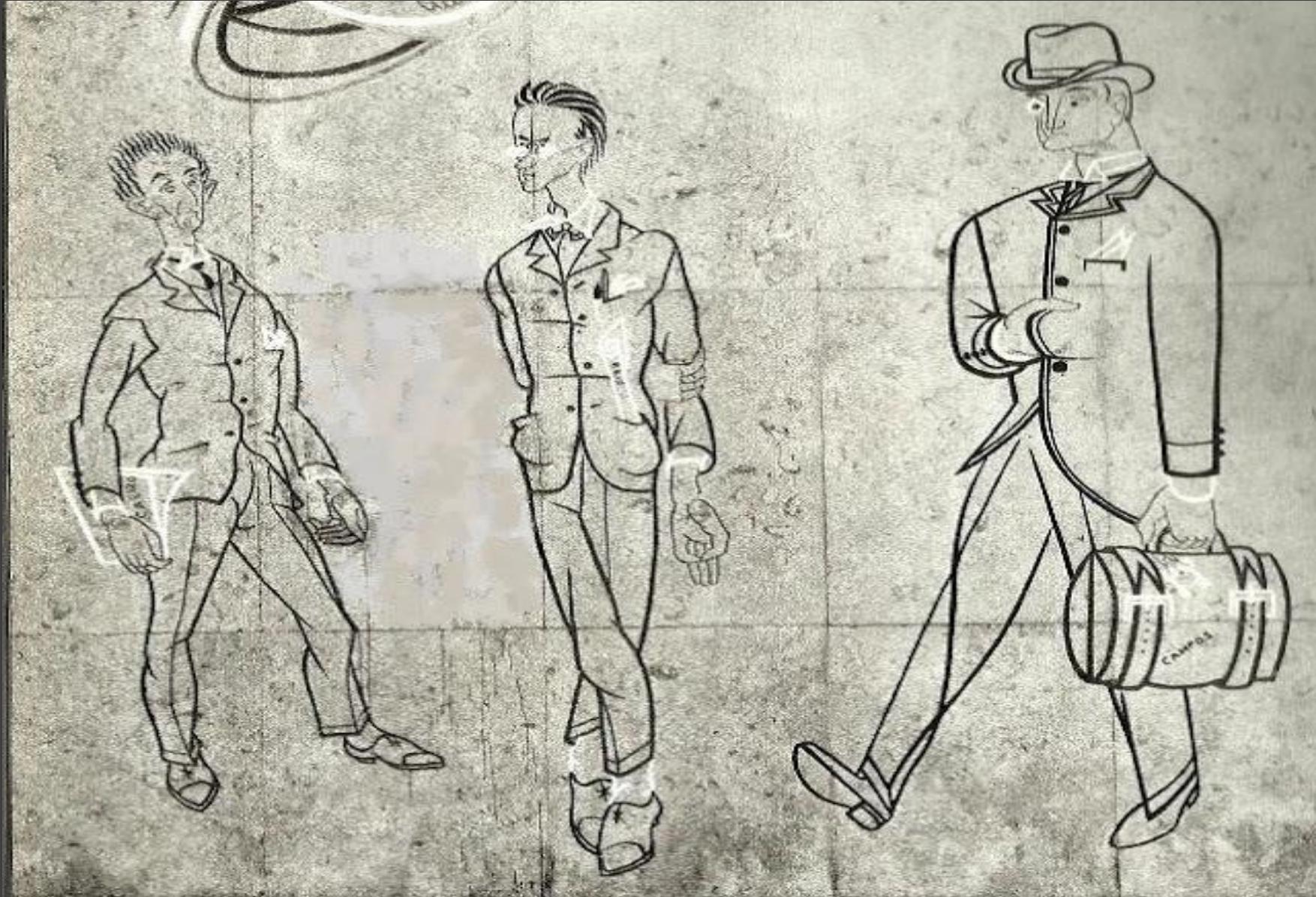
# OS **EUS** DE PESSSOA

A **fragmentação** em Fernando Pessoa envolve um ato de fingimento que se completa na utilização de várias linguagens, reveladoras do sujeito como um ser múltiplo.

Criou não um, mas vários  
sujeitos líricos. Entende-se esses  
sujeitos líricos como

**personas**, como  
máscaras, como criações.





Heterónimos de Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Desenhos de José de Almada Negreiros. Pormenor da fachada gravada da Faculdade de Letras da U.C.L., 1957-61. França, J. Augusto (1974)

# HETERONÍMIA

Quando o autor faz uso de “heterônimos”, não se esconde sob um nome falso. Ocorre bem o contrário, *“ele se coloca em posição de diálogo com o sujeito lírico que ele mesmo criou, além de assinar a sua própria obra.”*

O **heterônimo** é um personagem criado pelo poeta, que escreve a sua própria obra.

Tem nome, obra, biografia e, sobretudo, um estilo próprios. O autor, o criador do heterônimo, passa a ser chamado de “**ortônimo**” e a sua criação passa a ser chamada de “heterônimo”, não havendo possibilidade de existência de um sem o outro.

Fernando Pessoa foi quem criou essa designação e é o único caso de heteronímia na literatura universal.

E quem são esses heterônimos, esses personagens criados por Pessoa? Deixemos que o poeta mesmo os apresente como os “vê”, tal como o fez na carta a Casais Monteiro, em 1935:

**Alberto Caeiro** nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. [...] Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. [...] *Cara rapada todos* – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; [...] Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. [...] Como escrevo em nome desses três?... Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever [...] Caeiro escrevia mal o português [...]

## Quanto a **Ricardo Reis**:

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures) no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. [...] Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. (Do que Caeiro, que era de estatura média) [...]

Cara rapada todos – [...] Reis de um vago moreno mate; [...] Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. [...] Como escrevo em nome desses três? [...] Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se caracteriza numa ode. [...] Reis escreve melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. [...]

## Quanto a **Álvaro de Campos**:

[...] Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) [...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (às 1h30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Álvaro de Campos é alto (1,75m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – [...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval.

# ALBERTO CAEIRO

Alberto Caeiro representa o poeta que busca o **campo** e a **vida ingênua e simples**, despojada de inquietações intelectuais. **Seu olhar é o olhar de quem vê o mundo pela primeira vez, sem metafísica ou religião.**

Para ele, o que importava era viver o mundo, era nele estar presente, sem querer saber o porquê de estar-se ali naquele momento, sem interrogar-se do que se vive.

O objetivo era aprender a desaprender, aprender a não pensar, a silenciar a mente, a somente viver o contato direto com a realidade que se tinha à frente, palpável.

A vida para ele era o puro sentir.

## *O guardador de rebanhos*

*“(...) O meu olhar é nítido como um girassol,  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento,  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial!  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...”*

*Creio no mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender...  
O Mundo não se faz para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para ele e estarmos de  
[acordo...  
Eu não tenho filosofia: tenho sentido...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o  
[que ela é,*

*Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama*

*Nem sabe por que ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência não pensar...  
(...)”*

# Ricardo Reis

A veia clássica dos heterônimos de Fernando Pessoa. Monarquista, educado em colégio de jesuítas, amante das culturas grega e latina. Buscou sempre o mais alto, o impossível em sua poesia, refinada, concisa, com linguagem bem trabalhada e vocabulário rebuscado.

Seus poemas eram **odes**, poemas líricos, com métrica, estrofes regulares e variáveis. Suas odes voltavam-se aos deuses da mitologia grega. Ao contrário de seu mestre, Reis pensava bastante nos deuses, esses que, para ele, controlavam o destino dos homens e estavam acima de tudo.

*Estás Só*

*Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.*

*Mas finge sem fingimento.*

*Nada 'speres que em ti já não exista,*

*Cada um consigo é triste.*

*Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,*

*Sorte se a sorte é dada.*

*Ricardo Reis, in "Odes"*

# Álvaro de Campos

Apresentou-se como o mais moderno entre os heterônimos. E, pode-se dizer também, o mais indisciplinado. Homem voltado para o impulso das emoções, para o presente, para as **modernidades** que o mundo apresentava, aberto à realidade.

Foi o heterônimo que mais se aproximou da terceira fase do modernismo português. O mais próximo do realismo.

*Lisbon Revisited*  
(1923)

*NÃO: Não quero nada.  
Já disse que não quero nada.  
Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.*

*Não me tragam estéticas!  
Não me falem em moral!*

*Tirem-me daqui a metafísica!  
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem  
conquistas  
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —  
Das ciências, das artes, da civilização moderna!*

*Que mal fiz eu aos deuses todos?  
Se têm a verdade, guardem-na!*

*Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.*

*Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.*

*Com todo o direito a sê-lo, ouviram?*

*Não me macem, por amor de Deus!*

*Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?*

*Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?*

*Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.*

*Assim, como sou, tenham paciência!*

*Vão para o diabo sem mim,*

*Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!*

*Para que havemos de ir juntos?*

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tarδο, que eu nunca tarδο...

E enquanto tarδα o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!...

# FERNANDO PESSOA

## *ELE MESMO*

Nos poemas em que ele assina Fernando Pessoa, temos o poeta da saudade e da melancolia, que retoma formas tradicionais do lirismo português, muitas vezes com o uso de redondilhas maiores e menores.

Mas trata-se de um lirismo contido, quase sempre marcado por uma nota de inquietação existencial.

## *Mar Português*

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

Esse poema está presente na obra

**Mensagem.** Essa obra é composta por pequenos poemas que, no conjunto, contam a história de Portugal e projetam, de maneira mística, o sonho de um futuro novo império. No poema, o eu lírico incorpora em sua fala, o próprio povo português – falando em nome de uma coletividade e faz alusão às grandes navegações portuguesas dos séculos XV e XVI.

# Presencismo

Segunda geração do  
modernismo português  
(1927-1940)

## Os objetivos da Revista Presença eram:

Levar adiante o projeto de modernidade iniciado por Orpheu e varrer resquícios de romantismo, historicismo e decadentismo que ainda perduravam com a geração anterior.

Os seus membros defendiam uma *literatura viva* (tudo que é original).

# 3º momento

# O neorrealismo

## (1940-1947)

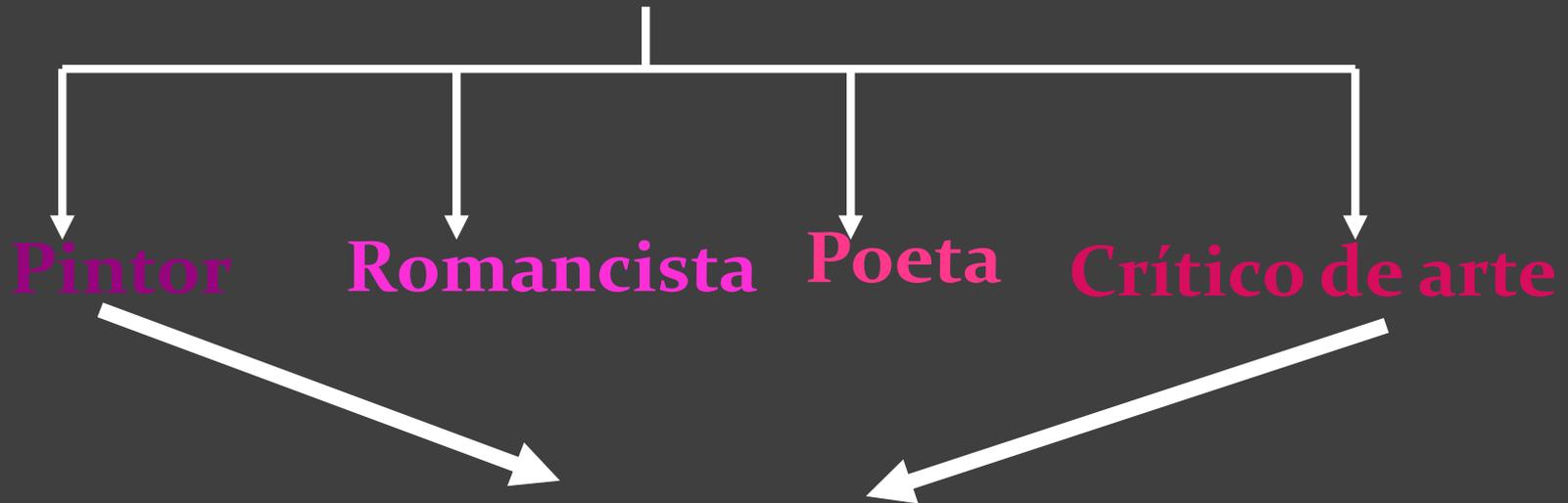
Repúdio à literatura de caráter psicológico e intimista;

Proposta de uma literatura engajada;

Alves Redol, Vergílio Ferreira, Fernando Namora.

Na pintura...

## Almada Negreiros



**Representa a vanguarda na  
pintura portuguesa da década  
de 20.**



Maternidade,  
de Almada  
Negreiros

Quando eu nasci, as frases  
que hão-de salvar a huma-  
nidade já estavam todas es-  
critas.

Só faltava uma coisa:

Salvar a Humanidade!

(Almada - Negreiros)